

## VIDRO: CULTURA MATERIAL NA FRONTEIRA SUDOESTE DO RIO GRANDE DO SUL NO SÉCULO XIX

***Tânia Tomázia do Nascimento<sup>1</sup>, Julia Cristina Frey<sup>2</sup>, Sandor Fernando Bringmann<sup>3</sup>, Cirilo Nunes da Silva<sup>4</sup>, Vanessa Barrios Quintana<sup>5</sup>, Ricardo Pellegrin Marion<sup>6</sup>, Saul Eduardo Seiguer Milder<sup>7</sup>***

1- Monitora do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas - LEPA - da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM - Rua Brigadeiro Miguel Lampert, n.º 09 - Camobi - Santa Maria – RS CEP 97105-000 [taniatomazia@bol.com.br](mailto:taniatomazia@bol.com.br)

2 –6 Estagiários– LEPA / UFSM - [labarq@ccsh.ufsm.br](mailto:labarq@ccsh.ufsm.br)

7-Orientador da Pesquisa - Professor do Departamento de História e Coordenador do LEPA - Rua Floriano Peixoto, 1184 (anexo) Santa Maria – RS CEP 97015 372 [milder@smail.ufsm.br](mailto:milder@smail.ufsm.br)

**Palavras-chave:** Arqueologia Histórica, Vidro, Rio Grande do Sul, Cultura Material

**Área do Conhecimento:** VII – Ciências Humanas

### RESUMO

O presente artigo visa expor a análise vítrea desenvolvida no Sítio Histórico RS-Q 17 Estância Velha do Jarau, localizado no município de Quaraí, fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul. O vidro ainda é um artefato pouco trabalhado nas pesquisas arqueológicas no Brasil, pensando nisto, propomos a utilização das potencialidades oferecidas pela cultura material vítrea, para entender o cotidiano e as relações sociais dos grupos que outrora habitaram o Sítio. A Estância Velha (1828 – 1905) é objeto de estudo do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas - LEPA - da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM - desde 1997. Sendo a cultura material oriunda da mesma, analisada de acordo com suas especificidades. A análise vítrea efetiva-se através do estudo espacial, quantitativo e qualitativo, para tal, além das atividades laboratoriais, uma revisão bibliográfica é desenvolvida. Até o momento dados qualitativos e quantitativos entram em discussão, demonstrando uma variedade e possibilidades de novas abordagens.

### INTRODUÇÃO

Sempre que iniciamos as atividades de campo em um Sítio Histórico, eles aparecem em grandes quantidades, incolores, verdes, âmbar, azuis, amarelos, salmões, assim são eles, os vidros, dando um colorido especial aos artefatos arqueológicos.

Mas como utilizar-se de suas potencialidades para entender o cotidiano e as relações sociais dos grupos que outrora estiveram envolvidos em sua passagem, existência de produção, aquisição, utilização e abandono?<sup>1</sup> Ou seja, quem os produziu? Quem os utilizou? E como e quando foram abandonados?

São estas as principais perguntas feitas por muitos arqueólogos ao se depararem com os artefatos vítreos em suas escavações, e conosco não foi diferente, sendo assim, este trabalho tem como principal objetivo a análise dos artefatos

vítreos encontrados no Sítio RS Q 17 Estância Velha do Jarau.

Localizado no Município de Quaraí, fronteira sudoeste do Estado do Rio Grande do Sul, que tem como marco cronológico os anos de 1828-1905.

O Sítio é objeto de estudo do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (LEPA) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) desde o ano de 1997, tendo sofrido quatro intervenções arqueológicas sob a coordenação do arqueólogo Saul Eduardo Seiguer Milder.

<sup>1</sup> “Os artefatos têm um ciclo de vida que pode ser dividido, segundo Schiffer (1972:03), em cinco etapas: manufatura, aquisição, uso, manutenção e descarte.” (apud SYMANSKI 1998: 125) [1]



Mapa: www.transportes.gov.br

Figura 1 – Localização do Sítio.

As escavações foram efetivadas nos anos de 1997, 1999, 2001 e 2003, e embora a cultura material proveniente das mesmas seja diversificada - metais, louças, ossos, botões, líticos, tralhas construtivas, couro e adereços plásticos - como já mencionado, é aos vidros que daremos um enfoque neste trabalho.

## METODOLOGIA

Durante as intervenções, os fragmentos vítreos foram minuciosamente registrados, sendo sua localização espacial apontadas em diários de campo como forma de assegurar uma interpretação confiável sobre o Sítio.

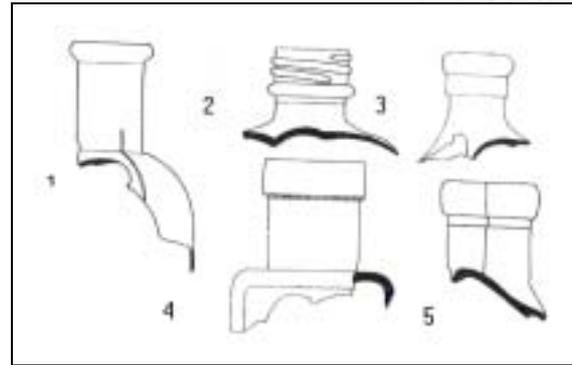
Em laboratório os vidros foram lavados em água corrente, catalogados e numerados de acordo com sua distribuição espacial no Sítio.

Logo depois iniciamos o processo de análise quantitativa e qualitativa do material.

Quantitativamente os artefatos foram separados por ano e local de escavação, procurando-se obter um conhecimento geral da quantidade coletada a cada intervenção, e quais os locais ou setores em que ocorreram uma maior concentração do material.

Qualitativamente, os artefatos foram separados de acordo com a parte, o tipo e a cor do utensílio a que pertenciam.

Concomitante a estas atividades, realiza-se uma revisão bibliográfica sobre o tema, além da construção de um banco de dados iconográficos, baseado em fotos e desenhos de reconstruções gráficas dos artefatos.



Desenho: Cirilo Nunes

Figura 2. Reconstrução Gráfica

- 1 - 3 fragmentos de frascos ( manuais)
- 2 - fragmento de gargalo (automático/semi-automático)
- 4 - gargalo garrafa (manual)
- 5 - gargalo garrafa (automática/semi-automática)

## RESULTADOS

Até o momento cinco obras específicas sobre o tema foram utilizadas como balizadoras de nosso conhecimento hialino:

A primeira obra é o livro, *Introdução à Arqueologia Histórica* de Charles E. Orser Jr., no qual o autor dedica um capítulo às *Especificidades da arqueologia histórica: solos e artefatos*. Nele a temática em questão é apresentada como uma fonte possível de interpretação arqueológica. [2]

Embora nesta obra o tema seja abordado de forma superficial - até porque não é o seu objeto principal - é uma leitura de fácil entendimento que oferece ótimas sugestões para os principiantes no assunto.

A segunda é a dissertação, *Calçada do Lorena: o caminho para o mar* de Paulo Eduardo Zanettini, a qual possui um anexo intitulado *O que fazer com os vidros*. [3] Nele o autor narra a história do vidro no Brasil, e a necessidade de se produzir sobre o assunto. No entanto, alerta para o perigo de se copiar a literatura estrangeira sem uma adequação as peculiaridades da realidade brasileira. É um trabalho instigante que não só esclarece, mas convida-nos aos questionamentos e colaborações.

A terceira é o artigo, *Cacos e mais cacos de vidros: o que fazer com eles* um *pré-print* de Paulo E. Zanettini e Paulo F. B. de Camargo. Esta terceira obra é uma continuação ou aprimoramento da segunda, extremamente aconselhável para quem precisa lidar com a temática no Brasil. [4]

A quarta obra é o artigo *Do Caminho Novo das Minas Gerais à Rodovia Fernão Dias: Arqueologia de uma estrada Paulista* de Solange Bezerra Caldarelli *et al.* O mesmo faz um relato sobre o processo de salvamento realizado durante o projeto de duplicação da Rodovia Fernão Dias/SP. [5] Segundo as autoras, as análises dos artefatos vítreos realizadas neste trabalho teve “como base a obra de Bauguer-Perlin”<sup>2</sup>. O artigo possui os resultados práticos de análises vítreas originárias de sítios arqueológicos paulistanos de forma sintética e objetiva.

E finalmente a quinta obra, *Estudio Tipologico de Bases y Picos de Botellas de la Imprenta Coni y de San Telmo* um trabalho realizado por Paula Moreno da Universidad de Buenos Aires. [6] É uma obra bastante didática que facilita a compreensão do assunto, recomendada aos iniciantes, mas que deixa a desejar ao não especificar claramente de onde se origina os critérios cronológicos utilizados em sua análise.

Baseado nos trabalhos acima citados, iniciamos nossas atividades priorizando a análise das bases, gargalos e fragmentos que contivessem inscrições. Por acreditarmos serem estas as partes que mais poderiam contribuir para a consolidação de nossos objetivos iniciais.

Os outros fragmentos, foram contados e separados de acordo com sua coloração, ano e quadrícula e só serão analisados em um segundo momento da pesquisa, quando passarmos a analisar a distribuição espacial dos artefatos no Sítio.

Como resultados práticos preliminares, quantificamos 1050 fragmentos vítreos referentes as coletas efetivadas em 1997 e 1999.

Dos quais 168 fragmentos encontra-se no primeiro processo de análise: 5 peças inteiras, 82 fragmentos de bases e gargalos e 81 fragmentos com inscrições.

## PEÇAS INTEIRAS

As peças inteiras foram encontradas entre os escombros da antiga habitação, e podem ser caracterizadas como coleta superficial, associadas a um momento pós-abandono do Sítio, ou seja, faz parte de um momento no qual oficialmente o Sítio foi abandonado.

Mas após este período todas as modificações e mudanças que ocorreram no local também fazem parte da história do Sítio, uma

história não oficial que pode ser resgatada através da cultura material.

Entre as peças inteiras encontram-se 3 garrafas e 2 frascos.

1 – garrafa: de cerveja de cor âmbar, no formato atualmente em circulação. Segundo Caldarelli (2001: 57) “a cerveja começou a ser engarrafada por volta de 1870, com a descoberta da pasteurização, sem a qual a bebida estragava em dois ou três dias”.

A garrafa possui a logomarca da CISPER, o que a caracteriza como posterior a 1900. Uma vez que a criação de grandes fábricas como a Santa Marina, Nadir, Figueiredo e a Cisper ocorre por volta de 1900 a 1940/50. (ZANETTINI e CAMARGO)

2 - garrafas verdes: uma cilíndrica cuja função não foi identificada, de fabricação automática.

Segundo Zanettini (1998:131), é complexa a diferenciação de artefatos produzidos semi-automaticamente e automaticamente uma vez que ambos apresentam uma maior regularidade de forma, exibindo ou não marcas de moldes.

“porém, existem alguns sinais passíveis de detecção no caso das automáticas como as marcas características deixadas por algumas máquinas automáticas como a Owens. A primeira delas consiste numa cicatriz de formato circular, não alinhada com o centro da base, ocasionada pelas lâminas que cortam a massa vítrea incandescente quando o molde já está cheio, estando presente na produção desde 1904.” (ZANETTINI e CAMARGO :16)

No exemplo acima citado, havia uma cicatriz de formato circular não alinhada, o que possibilitou sua identificação como automática e conseqüentemente com cronologia relativa do século XX, uma vez que, conforme Zanettini (1998:132) “salvo algumas manifestações no período colonial, a manufatura de vidros irrompe no Brasil em meados do século XIX, assumindo expressão somente no século XX”.

A outra garrafa verde, possui o formato quadrado pertencente a indústria Leivas Leite & Cia, até hoje existente em Pelotas RS. Segundo consta, o Laboratório desenvolve medicamentos para a saúde animal. Estamos mantendo contato com o laboratório e aguardamos novos dados.

2 – frascos: um recipiente do Biotônico Fontoura criado em 1910 pelo farmacêutico Cândido Fontoura, “na cidade de Bragança Paulista (SP), como um antianêmico (‘ferro para o sangue e fósforo para os músculos e nervos’)”. [7]

<sup>2</sup> BAUGUER-PERLIN, Sherene. Analyzing Glass Bottles for Chronology, Function, and Trade Networks. In: Dickens Jr., Roy S. (Ed.) *Archaeology Of Urban America. The Search for Patterns and Process*. New York: Academic Press, p. 259-290. 1982.

O outro pertence ao Leite de Magnésia de Phillips. Os vidros do Leite de Magnésia de Phillips passam a ser produzido no Brasil a partir de 1949 pela Cisper. São os conhecidos frascos azuis do Leite de Magnésia, que em breve seria popular em todo o país.[8]

No exemplar encontrado no Jarau o recipiente possui a inscrição “MADE IN USA” na base do frasco. Até o momento não sabemos ao certo sua procedência, provavelmente trata-se de importações de frascos ou do produto dos E.U.A.

Pois, ao que sabemos antes da consolidação da indústria vítrea no Brasil, os exemplares que circulavam em território nacional provinham de pequenas oficinas ou eram importados. (Ibidem)

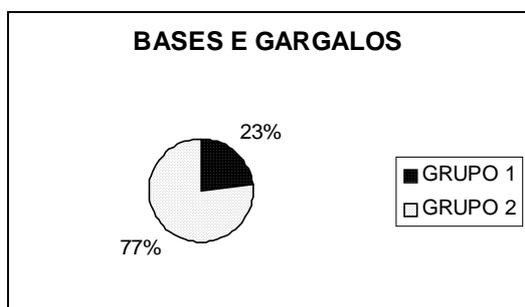
## BASES E GARGALOS

Conforme Moreno:

“para clasificar y comprender las diversas formas de las botellas es necesario tener en cuenta el proceso de manufatura de las mismas. Estos procesos dejan en el vidrio huellas características que permiten identificar, en la mayoría de los casos, las herramientas o moldes utilizados.” (MORENO 1994:104)

Sendo assim, procuramos separar as bases e gargalos de acordo com as marcas deixadas em seu processo de manufatura<sup>3</sup>.

Devido às dificuldades em diferenciar os fragmentos automáticos dos semi-automáticos separamos os vidros em dois grupos: 1- os manuais 2- semi-automáticos e automáticos.



<sup>3</sup> É interessante lembrar que as marcas podem ser eliminadas, pois. “...alguns vidreiros recorriam a processos de polimento para extrair essa indiscreta assinalação, procedimentos bastante usual em peças de vidro ou cristal melhor acabadas e de melhor valor” (ZANETTINI 1998:129)

Gráfico 1. Predominância dos semi-automáticos e automáticos.

Os manuais representam 23% dos fragmentos de bases e gargalos até agora analisados, num total de 19 fragmentos. Já o segundo grupo 77%, com 63 fragmentos.

Para classificação dos fragmentos manuais utilizamos a identificação de:

- negativos do pontil - marca de incisão / colagem que fica na base de um vasilhame. (ZANETTINI e CAMARGO)

- reforço do gargalo – consiste na aplicação de uma pequena parcela de vidro (tira) ao redor do gargalo (ZANETTINI 1998:129)

- bolhas – bolhas de ar que permanecem no vidro após o processo de sopro (ORSER 1992:93)

- estrias – finas marcas que demonstram o movimento do vidro durante o processo de sopro (ORSER 1992:93)

- outros fatores como coloração, peso dos recipientes e formatos irregulares podem ser associados aos itens acima. (ZANETTINI 1998:130)

Embora os fragmentos manuais possam ser utilizados como indicadores de antigüidade, não podemos esquecer que o desenvolvimento do processo industrial conviveu com as oficinas manuais. E mesmo possuindo uma cronologia de fabricação antiga, estes fragmentos podem fazer parte da história recente do Sítio através da reutilização.

Sendo assim, torna-se mais seguro para a indicação de sua cronologia relativa no Sítio à análise classificatória associada à análise espacial.

Quanto ao grupo 2, torna-se necessário um aprofundamento de sua contextualização.

Se identificarmos que os fragmentos automáticos e semi-automáticos são de produção nacional, estaremos lidando com uma cronologia significativamente recente, associada aos períodos finais de atividades na Estância até os dias atuais, ou seja século XX e XXI.

A outra possibilidade é que, mesmo sendo semi-automáticas, se forem importadas, podem ter uma cronologia do século XIX.

Uma vez que os recipientes semi-automáticos nos E.U.A., por exemplo, começaram a ser produzidos em 1881. Na Inglaterra em 1899. No entanto, a produção semi-automática só passou a ter uma produção expressiva a partir de 1899. (MILLER & SULLIVAN<sup>4</sup>, 1984: 85 *apud* ZANETTINI e CAMARGO)

<sup>4</sup> MILLER, G. L. & SULLIVAN, C. Machine-made glass containers and the end of production for mouth-blown bottles. In *Historical Archaeology*, volume 18, n.º 2, pp.83-96.

Inicialmente a primeira opção é a mais aceitável, mas não podemos descartar a segunda sem uma confirmação, já que é normal entre a cultura material do Sítio produtos importados de diversas origens.

## INSCRIÇÕES

A análise dos fragmentos com inscrições podem ser utilizadas para identificar a origem dos artefatos e seu período de produção. Principalmente quando as inscrições analisadas referem-se a “marcas de fabricação” ou “logomarcas” do produtor ou do usuário.

Uma vez que estas marcas de manufaturas específicas, podem datar as peças com relativa garantia. Para isto catálogos e comparações com coleções pode ser uma excelente alternativa.

Já identificamos os seguintes fragmentos:

- Biotônico Fontoura ( ...toni...,...nico, Fo..., ...oni...);
- Leivas Leite - Pelotas (...vas, leivas..., ...lot..., ...ota...)
- Coca-Cola ( Coca...)
- Cisper (CI)
- Santa Marina (SM)

Alguns fragmentos a identificar:

- ...ymatosa..., ...silva sil..., ...li branca. On..., ...garrafa re..., ...nog..., ...abuk..., ...m pha..., ...el s..., ch..., ...livra..., ...n su..., ...tivet..., ...e loi..., ...mb...

## CONSIDERAÇÕES A SEREM FEITAS

### 1. Produção

Diante estas observações iniciais podemos inferir que, ao menos nos dois anos em análise, a coleção vítrea coletada no Sítio Estância Velha do Jarau possui o predomínio de artefatos cujos sinais de manufaturas indicam o sistema de produção automático e semi-automático.

O que pode indicar os vestígios de uma nova fase na história do Sítio, uma fase pós-abandono, onde mesmo não sendo o centro de habitação de seus proprietários continuou a ser utilizada para outros fins.

São conhecidas na região as festas promovidas pelo CTG<sup>5</sup> na localidade, onde acampamentos eram montados entre as ruínas.

Além de ser um agradável reduto para caçadores, sejam de animais sejam de tesouros<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Centro de Tradições Gaúchas

<sup>6</sup> O local é visitado por caçadores à procura de animais existentes na região como tatu e lagartos, mas também chama a atenção pelas suas inúmeras ruínas que envoltas em lendas sobre “botijas de ouro” desperta a curiosidade de muitos, que destroem as estruturas à procura de tesouros.

A outra possibilidade já comentada, é de existir entre o grupo de fragmentos 2, artefatos importados. Mesmo assim estes fragmentos seriam relativamente recentes, levando-se em conta que os semi-automáticos começaram a ser produzidos nos E.U.A. em 1881, ou seja, 24 anos antes da Estância ser “abandonada”.

Sendo assim, qual o vidro utilizado no período de 53 anos anteriores à produção semi-automática pelos habitantes da Estância?

É sabido que em grande parte do século XIX a produção vítrea no Brasil era restrita, sendo seu uso resumido à produção e difusão das pequenas oficinas ou importados.

No Jarau confirmadamente existe na coleção hialina, artefatos com marcas de fabricação manuais que possuem características que os enquadram entre os fragmentos importados. Como garrafas negras que “...son llamadas de esa manera porque se las ve negras a simple vista, a trasluz, se ve que el vidrio es de color verde oliva oscuro o ambar” (MORENO 1994:111)

No entanto, não podemos esquecer que mesmo sabendo que trata-se de fragmentos recentes, a existência de artefatos manuais de origem nacional aparece no Sítio através de uma empresa pelotense, já em pesquisa<sup>7</sup>.

Resta saber se os outros fragmentos manuais de fabricação nacional pertencem a esta empresa ou a outras. E quando foram fabricados.

### 2. Aquisição

Quando começamos a pensar como estes artefatos chegavam até a Estância, para as peças recentes torna-se fácil a descoberta de sua aquisição.

Mas como chegavam no Século XIX ?

Neste período é habitual na região da campanha os “bolichos”, casas de pequeno comércio, geralmente simples localizadas próximas as estradas, que vendiam “secos e molhados”, mantimentos e instrumentos indispensáveis a vida no campo. [9]

Mas parece-nos improvável, que fosse especialidade dos bolichos a venda de produtos importados, o mais aceitável é que tais produtos chegassem ao meio rural gaúcho do século XIX através do contrabando e dos mascates, comuns nesta região fronteiriça.

<sup>7</sup> Conforme averiguações orais informais havia em Pelotas uma oficina de vidros que funcionou até a década de 50.

Conforme Volkmer, na Estância do Jarau o acesso a mercadorias importadas era limitado mas não inexistente<sup>8</sup>. [10]

Esta limitação, que também se aplica aos artefatos vítreos importados, não se justifica somente pela falta de produtos no mercado, uma vez que, se em relação ao centro do Estado, o Sítio localizava-se em uma área periférica, em relação a região platina ele estava em íntima ligação.

### 3. Utilização

Quanto a utilização podemos caracterizá-la em dois momentos. Um primeiro no qual o artefato vítreo seria utilizado em sua função original. E um segundo, onde em alguns casos ocorreria sua reutilização.

Em seu primeiro momento foram identificados entre a coleção vítrea do Sítio a utilização de remédios destinados ao consumo humano, consolidados pelos vasilhames de Biotônico Fontoura e Leite de Magnésia de Phillips.

E remédio animal, compostos Leivas Leite.

Além de bebidas, como cervejas e refrigerante.

Já a reutilização, mesmo sendo certa sua ocorrência, é difícil encontrar suas evidências. Pois embora ela possa ocorrer através da reutilização do vidro na confecção de novas peças,<sup>9</sup> em geral ela não deixa vestígios.

De maneira que um vasilhame pode ser reaproveitado diversas vezes, sem que haja problemas de deformação ou absorção de sabores. [11]

Quanto à alteração dos recipientes, foi encontrado um exemplar de garrafa onde a parte superior foi extraída de "forma uniforme", dando a impressão de ter sido "serrada"<sup>10</sup>.

<sup>8</sup> A autora analisou a louça proveniente de escavações na Estância Velha do Jarau, e constatou o predomínio de faiança fina.

<sup>9</sup> No Sítio Solar Lopo Gonçalves em Porto Alegre foram encontrados fragmentos de vidros com marcas de lascamento e polimento o que demonstra um claro sinal de reutilização. [12]

Outro exemplo de reutilização foi encontrado em São Martinho da Serra, onde vidros com evidências de microfraturas ou retoques são associados ao grupo Guarani. [13]

<sup>10</sup> Supõe-se que este recipiente tenha sido cortado de maneira artesanal possivelmente através de uma técnica bastante caseira. Um exemplo de como cortar vidro artesanalmente, consiste em amarrar o recipiente no local a ser cortado com um tecido absorvente umedecido em um líquido inflamável. Ao se inflamar o tecido a elevação de temperatura ocasiona a quebra do recipiente uniformemente.

O resultado deste reaproveitamento deu origem a um recipiente que poderia ter sido utilizado como um "copo".

Mas como identificaríamos os resquícios da reutilização vítreas quando esta não significasse uma mudança no formato original da peça?

Mesmo não sabendo como responder a indagação, ressaltamos nossa crença que, mesmo não deixando vestígios concretos, este tipo de reutilização ocorreu nos artefatos vítreos no Jarau.

### 4. Abandono

E por fim, como estes artefatos foram abandonados?

Através do exposto sabemos, são peças produzidas, adquiridas e utilizadas em diversos momentos, mas como e quando ocorreu seu abandono?

Estas são indagações que destina-se a segunda fase de análise, que além do aperfeiçoamento da primeira fase já iniciada, procurará analisar a dispersão espacial dos artefatos no Sítio.

### MOMENTANEAMENTE FINALIZANDO

Diante o andamento deste projeto, torna-se precoce qualquer conclusão final.

Mas cabe considerar que o alto potencial informativo representado pela cultura material, associado à riqueza de informações concernentes a um complexo estancieiro de demarcação territorial no Rio Grande do Sul do século XIX, torna possível o resgate e a preservação de parte da história fronteiriça que só os vestígios materiais podem informar.

### REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. **Espaço Privado em Porto Alegre no Século XIX**. Porto Alegre : EDIPUCRS, 1998.

[2] ORSER, Jr Charles. **Introdução à Arqueologia Histórica**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

[3] ZANETTINI, Paulo Eduardo. **Calçada do Lorena: o caminho para o mar**. São Paulo: USP, 1998. Dissertação de Mestrado.

[4] ZANETTINI, Paulo Eduardo e CAMARGO, Paulo Fernando Bava. **Cacos e Mais cacos de vidro: o que fazer com eles?** (parte1) *pré-print*

[5] CALLDARELLI, Solange Bezerra, *et. al.*. **Do Caminho Novo das Minas Gerais á Rodovia Fernão Dias: Arqueologia de uma estrada**

**Paulista.** In Revista do CEPA. Santa Cruz do Sul, V.25, n. 34, 2001.

[6] MORENO, Paula. **Estudio Tipologico de Bases y Picos de Botellas de la Imprenta Coni e de San Telmo.** In SCHÁVELZON, Daniel. Arqueologia e Historia de La Imprenta Coni, Buenos Aires. Columbia: Atanley South, Publisher, 1994.

[7] [www.guiadoscuriosos.com.br](http://www.guiadoscuriosos.com.br) acessado em 25/07/2003

[8] [www.cisper.com.br](http://www.cisper.com.br) acessado em 25/07/2003

[9] GOLIN, Tau. **O Povo do Pampa: Uma história de 12 mil anos do Rio Grande do Sul para adolescentes e outras idades.** Passo Fundo: Ediupf, 1999.

[10] VOLKMER, Márcia Solange, *et. al.*. **O Cotidiano Estancieiro no Século XIX: Louça Inglesa X Tradições Culturais.** In. VI INIC e II EPG. Vol. 2/2 São José dos Campos: Univap, 2002. P 500 – 502.

[11] [www.abividro.org.br](http://www.abividro.org.br) acessado em 25/07/2003

[12] SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira; OSÓRIO, Sérgio Rován. **Artefatos Reciclados em Sítios Arqueológicos de Porto Alegre.** In. Revista de Arqueologia. Vol. 9: 25-42, SAB, 1996.

[13] MACEDO, João Heitor da Silva. **São Martinho- da Guarda ao Povoado – Um Perfil Histórico sobre a Formação da Vila de São Martinho – RS.** Porto Alegre: PUCRS, 1999. Dissertação de Mestrado.